



“Guardador de Lembranças”: aspectos da memória negra na obra de Oswaldo de Camargoⁱ

Ricardo Silva Ramos de Souza


Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Juiz de Fora, MG - Brasil

 lattes.cnpq.br/0957236705724364

 orcid.org/0000-0001-5895-6046

risoateli@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.5965/19847246252024e0114>

Para citar artigo:

SOUZA, Ricardo Silva Ramos de.
“Guardador de Lembranças”:
aspectos da memória negra na obra
de Oswaldo de Camargo. *PerCursos*,
Florianópolis, v. 25, e0114, 2024.



“Guardador de Lembranças”: aspectos da memória negra na obra de Oswaldo de Camargo

Resumo

Oswaldo de Camargo começou a publicar literatura em 1958 e, desde então, destaca-se pela sua longevidade em mais de sessenta anos de atividade literária com uma obra constituída em diferentes gêneros, apresentando, como uma de suas características, o cuidado com a memória da história da literatura e das autorias negras brasileiras. Assim, Camargo publicou antologias de poesia, uma história da literatura negra brasileira, livros ensaísticos dedicados a autores negros e também explora esse viés memorialístico na sua ficção. O presente artigo investiga a importância da memória literária negra e os registros nos seus livros ensaísticos, de ficção e na antologia de poesia organizada por ele, relacionando essas obras com a singularidade da vida literária de Oswaldo de Camargo, capaz de proporcionar as condições possíveis para combater o esquecimento e investir na presença do negro na literatura brasileira.

Palavras-chave: Oswaldo de Camargo; autorias negras; memória; literatura brasileira.

“Keeper of Memories”: aspects of black memory in the work of Oswaldo de Camargo

Abstract

Oswaldo de Camargo began publishing literature in 1958 and, since then, has stood out for his longevity in more than sixty years of literary activity with a work consisting of different genres, presenting, as one of its characteristics, care for the memory of history of literature and black Brazilian authors. Thus, Camargo published poetry anthologies, a history of black Brazilian literature, essay books dedicated to black authors and also explored this memorialistic bias in his fiction. This article investigates the importance of black literary memory and the records in his essays, fiction books and the poetry anthology organized by him, relating these works to the singularity of Oswaldo de Camargo's literary life, capable of providing the possible conditions to combat oblivion and invest in the presence of black people in Brazilian literature.

Keywords: Oswaldo de Camargo; black authors; memory; brazilian literature.

1 Introdução

Quanto a mim, se meus dezenove anos pudessem falar, assim diriam: que fez de nós, que fez de tudo aquilo com que te impregnamos?

– Fiz-me guardador de lembranças. Não homenageio vocês lembrando?

(CAMARGO, 2020, p. 69)

Na noveleta *Negro disfarce*, o escritor e crítico literário Oswaldo de Camargo (1936) investe na autoficção para retratar o grande momento de uma instituição do movimento negro paulista, a Associação Cultural do Negro (ACN), ocorrido em 1958 com as múltiplas atividades organizadas para o chamado “O Ano 70 da Abolição”. Camargo tinha participação intensa na ACN, pois foi poeta, pianista nas sessões festivas, dirigiu o departamento cultural e foi redator-chefe da revista *Niger* (1960). Na efemeridade supracitada, teve a inclusão de um poema de sua autoria, “Grito de Angústia”, na edição de estreia dos *Cadernos de Cultura Negra – Série Cultura Negra*, publicado em dezembro daquele ano.

Na ACN, ele teve contato com militantes da imprensa negra e do associativismo negro atuantes desde a década de 1920, caso de José Correia Leite, entre outros. Esses militantes já tinham experiência necessária para saber as dificuldades, desafios e impasses para manter uma organização negra, também traziam a experiência do período ditatorial de Getúlio Vargas (1937-1945), quando as associações negras e os jornais da imprensa alternativa foram extintos, desestabilizando aquele núcleo de militantes (Silva, 2023). Assim, as comemorações do intitulado “O Ano 70 da Abolição”, organizado pela ACN com outras instituições negras e com o apoio de intelectuais e políticos paulistas, foram uma forma de mobilização indignada contra as comemorações oficiais do IV Centenário da cidade de São Paulo (1554-1954), que excluíram as contribuições de negras e negros para o desenvolvimento da capital paulista. Nessa efemeridade, de acordo com Mário Augusto Medeiros da Silva (2023), elaborava-se uma nova narrativa oficial para a história de São Paulo, destacando o passado “glorioso” dos bandeirantes e a participação dos imigrantes para o desenvolvimento da cidade.

Essas comemorações oficiais, inseridas no discurso ideológico do poder dominante, estão relacionadas ao que Lélia Gonzalez distingue nas noções de consciência

e memória. A consciência seria o lugar do encobrimento, da alienação, do esquecimento e do saber; e a memória — no caso, a negra — seria o “lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar de emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção” (2020, p. 78). Foi na dialética entre a exclusão pela consciência e a inclusão pela memória que a ACN procurou subverter as manifestações oficiais com as suas realizações.

Diante desse quadro de exclusão e esquecimento, velhos militantes negros decidiram criar a Associação Cultural do Negro em 28 de dezembro de 1954, entretanto, a ACN só ganharia corpo para as suas atividades a partir de 1956, quando já se discutia a necessidade de relembrar o septuagésimo aniversário de abolição da escravatura.

Oswaldo de Camargo chega muito jovem à ACN, perto de completar vinte anos de idade, e vivencia os debates realizados dentro da Associação sobre uma história do Brasil que não contemplava a participação de negras e negros, e dos desafios de um pós-abolição de muitas dificuldades para essa parcela da população na Segunda República (1945-1964). A ACN era, nesse contexto, um lugar singular, pois reunia políticos e autoridades de São Paulo, intelectuais como Florestan Fernandes, Alfredo Schmidt e Sérgio Milliet, jornalistas, historiadores, literatos, além do público negro, como relata Oswaldo de Camargo:

[...] A história recente do negro brasileiro é uma história de domésticas. Aquelas meninas lindas estão ali, quase todas são domésticas. Trabalham em casa de família, raras professoras. [...] Uma boa parte de negros trabalham em empregos [de] funcionário público. [...] Você tem que levar em conta que a Associação, ela tem um impasse tremendo. A intelectualidade, o grupo de intelectuais, era um grupo minoritário. O grupo mais forte da Associação era o grupo que me levou à Associação, que é o grupo de convescote, do piquenique, do esporte, que era mais forte que a Literatura [...] (Silva, 2023, p. 204-205).

O grupo de Literatura citado por Camargo era formado por ele, Carlos de Assumpção, Eduardo de Oliveira, entre outros, mas esses três conseguiram, cada um a seu modo, construir uma vida literária, porém quem atingiu maior longevidade e uma produção mais extensa foi Oswaldo de Camargo. Mas, a questão, para o nosso interesse neste artigo, é: teria a proximidade com velhos militantes e a experiência na Associação

Cultural do Negro influenciado o cuidado de Oswaldo de Camargo com a memória do negro brasileiro, influenciando as suas produções literária e ensaística?

O presente artigo pretende explorar a importância da memória literária e histórica negra registrada nos seus ensaios “Pequeno mapa da poesia negra” (1977), *O Negro Escrito* (1987), *Negro drama – Ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade* (2018); na biografia *Lino Guedes – seu tempo e seu perfil* (2016); na organização da antologia *A Razão da Chama* (1986); e na ficção *Negro disfarce* (2020) e *O carro do êxito* (1972, 2023), relacionando essas obras com a singularidade de sua vida literária no associativismo negro e na imprensa negra, capaz de proporcionar as condições possíveis para investir na história da literatura negra brasileira, combatendo, os apagamentos na história brasileira.

2 Memória, lembrança e esquecimento

Oswaldo de Camargo detém um enorme arquivo pessoal dedicado à cultura negra, o que o possibilitou elaborar *A Razão da Chama: Antologia de poetas negros brasileiros* e *O Negro Escrito: Apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira*, publicados em 1986 e 1987, respectivamente. Essas duas obras foram lançadas próximas do centenário da Abolição em 1988, um período de disputas em torno da memória nacional, quando o movimento negro denunciava a farsa da abolição e o caráter festivo das comemorações oficiais. Nesse sentido, as considerações de Michael Pollak sobre as memórias subterrâneas que surgem em momentos de crise são importantes, pois

essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais (Pollak, 1989, p. 5).

Em razão desse controle do discurso, Michael Pollak observa que “a memória é um elemento constituinte da identidade”, pois “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem

grupos políticos diversos” (Pollak, 1989, p. 204-205). Essas disputas são, portanto, geradoras de tensões e concepções dominantes de memória e identidade de uma nação.

Já Hugo Achugar (2006, p. 162-163) considera os novos agentes sociais essenciais para revisar a história e seus esquecimentos, pois a abertura para outros pontos de vista “implica reconhecer os múltiplos cenários da memória nacional” com a presença de novos atores sociais que procuram reconstruir “uma história própria esquecida pelo discurso da comunidade hegemônica”. Essa disputa se dá pela negociação que, ao mesmo tempo, “implica a releitura ou a análise da nação e do nacional, [...] uma batalha pelo discurso e pela representação [...], uma batalha por ocupar a posição do que tem/possui a história, do que sabe e do que escolhe”. Uma disputa que precisa ser negociada, exigida pelos grupos minoritários contra o autoritarismo dos discursos nacionais hegemônicos e homogêneos.

Oswaldo de Camargo, como o “guardador de lembranças”, investe contra o esquecimento, mostrando a sua preocupação com o porvir a partir do que escolhe lembrar. Daí, delimitou os critérios do que desejaria lembrar para a construção de sua memória.

Nesse contexto explicitado em torno da memória, lembrança e esquecimento, é imensurável a contribuição das obras ensaísticas de Oswaldo de Camargo e todo o seu cuidado em elaborar as obras supracitadas por uma perspectiva diacrônica da presença do negro na literatura brasileira, contrariando os apagamentos da historiografia literária brasileira tradicional, que reduz a presença das autorias negras a poucos nomes, casos de Machado de Assis, Lima Barreto e Cruz e Sousa, e a exclusão de toda uma diversidade de autorias negras. Nesse sentido, Oswaldo de Camargo tem plena consciência de sua importância em transmitir o que sabe, o que viveu:

Eu sou elo. Então eu digo elo pelo seguinte: quando eu venho a São Paulo, em 54, eu vou imediatamente, com 19 anos já, me entrosar com a coletividade negra e de uma maneira diferente, como um estranho. [...] eu estou vivendo uma cultura de elite branca. Eu me torno um dos primeiros jornalistas negros, um dos únicos jornalistas negros. Ser revisor do Estadão, naquela época, era uma proeza. Eu fiz um teste com 19 anos, passei e me tornei revisor do jornal O Estado de São Paulo. [...] na “Associação Cultural do Negro”, vou conhecer os grandes líderes da “Frente Negra”, que fizeram a Imprensa Negra, etc. Eu vou conviver com

eles em pé de igualdade. Eles me respeitam muito porque eu sou jornalista, ex-seminarista, sou pianista, começo a formar um coral dentro da “Associação Cultural do Negro”. Então, os velhos que nunca tiveram isso na sua coletividade, nunca tiveram um pianista, nunca tiveram um seminarista, me encaravam como um filho, um filho bem-vindo, um filho que estava fazendo coisas novas. Porque, naquele tempo, o que o negro estava procurando? Respeitabilidade. Quer ser respeitado e o respeito passa por posturas de bom comportamento branco. Quanto mais ele se igualava ao comportamento branco, melhor para eles, ele está subindo. E eu estou representando isso para eles: negro e representando as possibilidades de uma educação branca. [...] aí está o elo. Devido à idade, eu sou o único que está nessa situação. [...] quando, em 75 por aí, aparece uma nova geração, [...] alguns com formação universitária, como Cuti, outros fazendo filosofia e etc., eles não têm nada em mãos, nem conhecem o “Protesto”, não têm um livro do Lino Guedes, não têm nada. Quem vai fornecer tudo para eles? Sou eu quem vai fornecer. Entende? Aí é o elo. E não somente vai fornecer livros, mas o testemunho de como foi. [...] eu tenho dito o seguinte: que a única coisa que me envaidece mesmo, de verdade, é que, de todos que começaram, o que persistiu, de verdade, fui eu. [...] e, de repente, eu percebo, de fato, que para falar daquele tempo, se eu não falar, não há quem fale mais. Para escrever sobre aquele tempo, se eu não escrever, não há quem escreva. Então, eu acabo sendo um testemunho de carências (Filippo, 2007, p. 135-136).

Nesse longo trecho, Camargo sinaliza várias questões para o que seriam as carências, pois, evidencia, em seu testemunho, a dificuldade de acesso a materiais de literatura negra encontrada pela geração de autoras negras dos anos 1970, a geração da série *Cadernos Negros*; dificuldade ainda presente em nossos dias, principalmente no que diz respeito a obras lançadas nas décadas de 1970 e 1980, de baixa tiragem e circulação restrita.

O depoimento ainda evidencia o que a ACN percebia em Oswaldo de Camargo, pois o jovem atendia aos objetivos da instituição quanto à “elevação do elemento negro” na sociedade, como o respeito, em razão da educação formal refinada dentro dos padrões brancos. José Correia Leite revela a sua impressão da chegada de Camargo à ACN:

Gostei muito dele. Expusemos quais eram nossas propostas e mostramos que tínhamos grande necessidade de pessoas com o seu preparo. [...] além de poeta ele era músico, compunha e tocava bem piano. Eu fiquei contente porque vi naquilo uma coisa difícil. Não era comum a gente ver um negro procurando encontrar consigo mesmo. E foi o que eu vi no jovem Oswaldo de Camargo, um negro que estava procurando se

encontrar. Ele parece que não tinha tido oportunidade de estar no meio negro. No outro meio, sei que ele não tinha uma boa aceitação. Parece que ele queria estar mesmo com o seu povo, sua gente, seus irmãos [...] (Cutí, 2007, p. 170-171).

E aí Camargo se posiciona, a partir dessa vivência, como o elo de gerações, quem transmitiu a sua experiência com os velhos militantes da ACN, e busca registrar isso em seus depoimentos e obras de ficção, preenchendo as lacunas dos escassos arquivos daquela instituição e das décadas de 1920 e 1930.

O escritor e ensaísta Cutí revela como o autor negro atua como um intelectual nas associações negras, pois:

a figura do escritor acaba sendo considerada, em especial por alguém que produz ideias e, quase sempre, é portador de um conhecimento capaz de contribuir para o processo de conscientização dos associados, além de conferir-lhes o status que a figura do escritor goza no contexto social brasileiro (Cutí, 2010, p. 115).

Cutí reforça a importância de Camargo e de sua geração, pois suas “indicações de leitura passam a fazer parte da ativa função de guiar e sugerir veredas intelectuais aos mais novos” (Cutí, 2010, p. 116). Assim,

[s]em esses autores, a vontade coletiva de traçar uma vertente negra na literatura brasileira não teria logrado êxito, pois essa não é tarefa de escritores isolados, mas daqueles que contribuem para a criação de uma vida literária, buscando, por meio de atitudes de aproximação com seus parceiros, o reforço da identidade racial (Cutí, 2010, p. 123).

Assumindo a função de elo de gerações, Camargo, em 1977, participa da seção Afro-latino-América do jornal *Versus* e publica o “Pequeno mapa da poesia negra”, em que traça um breve panorama da literatura negra no século XX. Aproxima-se de jovens literatos e, em 1978, o ano 90 da Abolição, participou do primeiro volume da série *Cadernos Negros*, ainda prefaciou o livro de poesia *O Arco-íris negro*, dos jovens Éle Semog e José Carlos Limeira, e lançou a novela *A descoberta do frio* em 1979. Na década seguinte, foi membro fundador do Quilombhoje Literatura em 1983, e tem uma sequência de

publicações: o livro de poesia *O estranho* (1984); organiza a antologia *A Razão da Chama* (1986); e o ensaio *O Negro Escrito* (1987). Os dois últimos livros serão analisados na seção seguinte.

3 “Aqui há palavras de negros”: A Razão da Chama e O Negro Escrito

Com a aproximação do centenário da Abolição, temáticas a favor do negro passaram a ter alguma visibilidade na mídia e nas artes; a literatura acompanhou esse processo, inclusive a vertente literária negra, muito em função da postura incisiva das autorias negras ligadas aos *Cadernos Negros*. Na década de 1980, houve eventos de grande repercussão com a presença das autorias negras no “Perfil da Literatura Negra” em 1984 e a “Bienal Nestlé”, em 1986. Houve uma ação inédita: as três edições do Encontro de Poetas e Ficcionistas Negros Brasileiros, realizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Petrópolis, nos anos de 1985, 1986 e 1987, resultando na publicação de *Criação crioula nu elefante branco*, com os textos do primeiro encontro, e *Corpo de negro rabo de brasileiro*, edição mimeografada referente ao segundo encontro.

O Quilombhoje lançou *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*, originado da “Noite da Literatura Afro-brasileira” durante o III Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado na PUC-SP em 1982, mas somente lançado em 1985. Das antologias, destaque para *Axé*, organização de Paulo Colina e publicada pela Global, em 1982, e *Schwarze poesie*, organizada pela acadêmica Moema Parente Augel e publicada pela alemã Edition Diá em edição bilíngue português-alemão. Por fim, a série *Cadernos Negros* mantinha as suas publicações anuais, intercalando poesia e conto, e alguns poucos livros autorais em edições do autor, em sua maioria.

Frisamos a novidade representada por toda essa movimentação em torno das autorias negras brasileiras, até então algo inédito no meio da literatura brasileira. Entretanto, esse contexto não concretizou a inserção permanente da vertente literária negra brasileira nas pesquisas acadêmicas nem na crítica literária, muito menos impulsionou a abertura no mercado editorial tradicional.

Antecipando esse processo, em 1977, Oswaldo de Camargo traçou, em “Pequeno mapa da poesia negra”, um breve panorama da poesia negra brasileira no primeiro

número da seção Afro-Latino-América do jornal *Versus*. Ele demonstra a necessidade de se debruçar sobre essa produção e expõe os desafios de escrever uma história por mãos negras (Nascimento, 2021):

Eis que se inicia a fase de nos descobirmos. Traçar o mapa, marcar o território de nossa herança poética desconhecida e esparsa. **Tentar fazer o que jamais se fará oficialmente: a coleta de nossa produção literária**, o nosso clamor espalhado em jornais da imprensa negra marginal, nas revistas negras, recolher os inéditos, trazê-los, enfim, à tona. **Tarefa prolongada e dura, quanto urgente e necessária. Nossa tarefa** (Camargo, 1977, p. 14, grifo nosso).

Camargo é direto e objetivo ao mostrar a urgência de que os pesquisadores negros precisariam assumir essa tarefa: a de registrar, catalogar, dar visibilidade à produção poética negra, apesar das dificuldades de se encontrar material. Menciona, ainda, os rastros de autores como Cumba Júnior, Gervásio de Moraes e Lino Guedes, poetas da primeira metade do século XX. Sobre Guedes, faz uma afirmação que até hoje é um problema para nós, as reedições de livros: “Nunca, que saibamos, se reeditaram seus livros e a história literária simplesmente o ignora” (Camargo, 1977, p. 15).

Destaca a obra de Solano Trindade e de seu contemporâneo, o poeta Carlos de Assumpção, com quem estreou em publicação no já citado *Cadernos de Cultura da ACN* em 1958. Oswaldo de Camargo aponta uma metodologia para as pesquisas sobre a história da poesia negra do século XX, que passa pelas associações negras de São Paulo, como a ACN e o Teatro Experimental do Negro, assim como pela imprensa negra. O texto inclui uma pequena antologia de poemas do próprio Camargo, Solano Trindade, Ruy Dias, Domingos Caldas Barbosa, Lino Guedes e Zulu Nguxi, pseudônimo de Hamilton Cardoso.

Nove anos depois, Oswaldo de Camargo oferecia ao público leitor e à literatura brasileira a pequena e fundamental *A Razão da Chama: antologia de poetas negros brasileiros*, pela Edições GDR, tendo como colaboradores os parceiros literários Paulo Colina e Abelardo Rodrigues. A antologia traz 22 poetas: “De Caldas Barbosa a Cruz e Sousa”, com Domingos Caldas Barbosa, Luiz Gama, Gonçalves Crespo e Cruz e Sousa; e em “De Lino Guedes aos ‘Novíssimos’”, tem-se Lino Guedes, Solano Trindade, Eduardo de Oliveira, Carlos de Assumpção, Oswaldo de Camargo, Oliveira Silveira, Adão Ventura, Geni

Mariano Guimarães, Paulo Colina, José Carlos Limeira, Cuti, Miriam Alves, Abelardo Rodrigues, Éle Semog, Jônatas Conceição da Silva, Ronald Tutuca (hoje, Ronald Augusto), José Luanga Barbosa e J. Abílio Ferreira.

Com *A Razão da Chama*, Camargo inova ao propor uma leitura diacrônica da poesia de autoria negra brasileira, revelando uma tradição – a chama – de escrita poética negra desde o século XVIII, com Domingos Caldas Barbosa, até poetas surgidos nos anos 1980. Essa publicação determina um passo essencial para o entendimento da poesia negra no Brasil, com uma seleção de poetas significativos e poemas que mostram características essenciais das poéticas negras. Assim, podemos relacionar a angústia da opressão racista sentida por Cruz e Sousa no poema “Emparedado” e as formas conscientes de lidar com uma estrutura racial adversa descrita por Éle Semog em “Ponto Histórico”, publicado em 1978. Vemos, com isso, uma tradição de poesia negra de denúncia do racismo e dos efeitos na subjetividade da pessoa negra na sociedade brasileira.

Na apresentação da antologia, Camargo traz as polêmicas da época a respeito de um autor ser negro, o que entende como fundamental para a interpretação de um mundo:

Haverá – e disso não duvidamos – o momento, nas Letras pátrias, em que será fastidioso o relembrar da cor, a etnia do poeta – têm cor o verso, o sentimento? – mas o momento por que nós negros passamos na Literatura Brasileira exige ainda essa atitude. Por quê? (Camargo, 1986, p. IX).

O organizador reclama do material exíguo para a antologia, acrescenta uma observação pertinente a respeito da pouca produção das autorias negras, principalmente no início do século XX, quando expõe a primeira publicação de Lino Guedes em 1926 e questiona: “Lino Guedes, um começo, 28 anos após a morte de Cruz e Sousa. Que aconteceu, irmãos, com a Poesia que o negro devia escrever, durante esses 28 anos!?” (Camargo, 1986, p. XI). E reivindica o espaço da poesia de autoria negra na história da literatura brasileira: “que algo nosso – por direito – se retinha, ocultado às margens de

um rio difícil de transpor mas que vamos atravessando [...] amparados e sustentados por levas de palavras. As nossas palavras” (Camargo, 1986, p. XII).

No ano seguinte, Oswaldo de Camargo produz aquele que seria o seu maior e mais importante livro direcionado para a crítica literária e para a história da literatura brasileira com *O Negro Escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira*. Essa é uma obra de referência para pesquisadores, críticos literários e leitores em geral, pois, naquela época era o mais amplo estudo realizado sobre o elemento negro em nossa literatura, com a distinção de ter sido feito com o ponto de vista de um autor-crítico literário-historiador negro-brasileiro. Sobre a pesquisa realizada, afirma:

Eu só pude escrever *O negro escrito* porque comecei a juntar livros sobre o negro em um tempo em que isso não era comum. Hoje, você vai procurar certos livros, *Horto*, por exemplo, de Auta de Souza, e não vai encontrar em lugar nenhum ou então terá muita dificuldade, porque há bastante gente pesquisando. Vai à busca do romance *Furundungo*, do Souza Carneiro, pai do Edison Carneiro, e parecerá inencontrável. Trata-se de um romance baiano com um glossário enorme e maravilhoso, com jargões da época. Houve um tempo em que eu era um dos poucos pesquisadores dessa literatura. E fui juntando isso devagar, bem antes da chegada da nova geração, que veio formar como que um coletivo de autores negros, formado por Paulo Colina, Cuti (Luiz Silva), Jônatas da Conceição, Adão Ventura, e tantos outros. E os livros que iam surgindo **eu ia guardando**: textos da Associação Cultural do Negro, cartas, etc. Na hora em que fui redigir *O negro escrito*, 90% do material eu já tinha comigo... Como não é uma literatura de muitos autores, foi possível fazer em curto tempo um livro de cento e tantas páginas, porque tratei de uma literatura de um segmento muito empobrecido. Esse empobrecimento – reflexo iniludível da história do negro no Brasil – se mostra no ato de publicar, caro e difícil. Então, foi possível fazer o livro com o que tinha em minha biblioteca, com não demoradas pesquisas e com muita paixão (Camargo, 2011, p. 43, grifo nosso).

Camargo reforça a sua singularidade entre as autorias negras por meio do cuidado e do viés de historiador apresentado logo cedo, aproveitando-se das oportunidades que a vida lhe apresentou, assim foi possível ir adquirindo obras de difícil acesso e pouca circulação. Dessa forma, esse “guardador de lembranças” foi formando a sua biblioteca, destacando a sua passagem pela Associação Cultural do Negro, tornando possível a pesquisa para *O Negro Escrito*, “em curto tempo”, pois a maioria do material necessário ele já possuía. Ainda realça as carências dessa produção literária negra, as

poucas publicações no passado, em razão do custo gráfico elevado para a feitura de um livro, e o seu comprometimento ético e político com a causa negra.

O *Negro Escrito* é prefaciado por Paulo Colina, que ressalta a depuração da bibliografia afro-brasileira consultada, pois Camargo expõe as diferentes abordagens feitas por críticos e pesquisadores da presença do negro na literatura em diálogo com os seus apontamentos, muitas vezes incisivos quanto à qualidade literária do texto. Ainda destaca a necessidade de ter voz e se fazer ouvir, o grande embate com a crítica literária brasileira:

Onde andava, então, **o negro escrito**, o escritor negro? Mudo. Os brancos davam o tom, a cor e a fala do negro. [...]

Por experiência, sei que toda vez que **o negro escrito** aparece em um debate, uma conferência, palestra, surgem, de pronto a pergunta: “Mas, por que literatura negra? Existe? A literatura tem cor?” E sou obrigado a retroceder às análises que tenho feito desde que me confronto com o mundo. Para chegar à conclusão de que à sociedade pátria interessa **o negro mudo**.

Tudo uma questão de voz. Quer ver, leitor? Quando se questiona a existência de uma literatura negra ou afro-brasileira – quero dizer, **o negro escrito**, o escritor negro se expressando perante e enquanto mundo – existe aí uma tentativa de negação. Negação dos valores que o negro despe em seu que – fazer literário. Bom adiantar não ser tema fundamental ao negro a defesa da ecologia, nem a bolsa de valores ou o privê da moda. Frisar que a sociedade brasileira se diz democraticamente racial. Essa grife. Que não resiste à nudez (Colina, 1987, p. 11, grifo próprio).

Colina aborda os embates com a crítica literária e a academia por meio da exclusão da autoria negra, não dando valor à sua agência; por conseguinte, Colina critica a postura de democracia racial, mas quando se tem que falar do negro, este não pode falar por si, a sua voz teria e deveria ser do outro, o branco. Ou seja, como o prefaciador ironiza, uma “questão de voz. Ou de tonalidade do discurso” (Colina, 1987, p. 12).

O ensaio de *O Negro Escrito* é dividido em três seções e mais uma antologia temática, que não será aqui abordada. Em sua introdução, Camargo traça um perfil da presença negra desde a Antiguidade – Grécia e Roma –, passando por Portugal e a chegada dos escravizados ao Brasil.

Na seção seguinte, “Negros e mulatos na literatura brasileira”, Camargo começa com o que considera “ao que parece – o primeiro negro a escrever um texto no Brasil”: Henrique Dias, com o sugestivo título de uma carta enviada ao rei de Portugal, “Sou tratado com pouco respeito”, de 1º de agosto de 1650. Infere-se, com o domínio da escrita, a consciência racial e a denúncia da discriminação. Em seguida, Camargo trata, por diferentes fontes, de Manuel da Silva Alvarenga, Domingos Caldas Barbosa, Teixeira e Sousa, Paula Brito, Castro Alves, Gonçalves Crespo, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Auta de Souza, entre outros. No início do século XX, destaque para Lima Barreto, Lino Guedes, Solano Trindade e traz uma breve citação a Gervásio de Moraes. Ressalta que o negro quase não escreveu ficção, foi sobretudo poeta, e relaciona essa ausência com a pulsante imprensa negra de São Paulo da época que não formou prosadores:

[...] que foi que travou a realização da prosa ficcional, com o conto, a novela? A **Imprensa Negra** não poderia ter sido uma escola de se escrever também ficção? Nem lembramos o romance, obra que, por seu porte e meandros, exige relativa ‘escravidão literária’, esforço grande e contínuo.

O certo é que os contos – excetuando os do esquecido Gervásio de Moraes – não vieram, a novela não veio, o romance não veio, até 1951, quando saiu das oficinas de “**Di Giorgio e Cia.**” o livro de Romeu Crusoé, **A Maldição de Canaan**. Exígua produção, irrisória – repetimos – após a ficção do mestre Lima Barreto (Camargo, 1987, p. 74, grifo próprio).

A abordagem de Camargo materializa a constatação da “exígua produção” quanto à ficção. Camargo ainda dedica um breve levantamento da produção para o teatro, tanto de autoria negra quanto sobre o negro, e encerra a seção com uma relação de livros com a presença do negro na literatura brasileira publicados de 1888 a 1952. Para a época, esse esmero em catalogar e classificar foi fundamental para pesquisas posteriores.

Na última seção, “Autores negros contemporâneos (Depoimento sobre uma época)”, com rigor, refere-se aos escritores com “boas intenções”: “Consequência: obra refutada e o menosprezo, cedo ou tarde, do tempo que a ninguém perdoa. E, afinal, Literatura é alma, visão ou sociedade inscrita com palavras; o resto são ‘objetos de papel’, até por vezes interessantes, mas por pouco tempo” (Camargo, 1987, p. 89).

A partir desse ponto, trata dos poetas surgidos na Associação Cultural do Negro: ele, Carlos de Assumpção, Eduardo de Oliveira; os quais trata como “elo” – por uma questão cronológica do que ele considera a “nova poesia negra”, tendo como o seu precursor, o poeta gaúcho Oliveira Silveira. E, assim, destaca os nomes de Adão Ventura, Éle Semog, Abelardo Rodrigues, Miriam Alves, Arnaldo Xavier, Cuti, Paulo Colina, Esmeralda Ribeiro, Ronald Tutuca, entre outros. Camargo ainda cita a relevância dos ensaios *Reflexões sobre a literatura afro-brasileira*, do grupo Quilombhoje, e *Criação crioula nu elefante branco*, referente ao 1º Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros.

Camargo finaliza os seus apontamentos exaltando o surgimento da série *Cadernos Negros* em 1978, porém destaca o que considerou como “erro”: a inclusão de autores que privilegiavam o factual em detrimento da poesia já no primeiro volume. Em alguns participantes da série, para ele, faltou “muitas vezes, tinta de qualidade no escrever das letras de muitos que lá se imprimiram, faltou perspectiva de História Literária. Deve-se comemorar. Mas se poderiam soltar mais fogos...” (Camargo, 1987, p. 109). Por fim, Oswaldo de Camargo incluiu duas relações de livros com temática negra: uma de poesia; outra, de ficção e teatro. Mais uma preciosidade para a época.

O *Negro Escrito* é uma fonte de enorme aprendizado, além de possibilitar a apreciação sobre a crítica de Oswaldo de Camargo a seus pares e a contextualização histórica realizada por ele. Esse livro e *A Razão da Chama* revelam diferentes aspectos e dicções das autorias negras desde o século XVII, sendo obras valiosas para consultarmos a história da produção literária negra, contada por quem a vive intensamente e, desde cedo, teve a preocupação de reunir, arquivar e catalogar esses conteúdos. Com isso, Oswaldo de Camargo expõe o seu esmero pela literatura produzida pelas autorias negras, e o seu rigor e compromisso ético e político com a história da literatura negra brasileira.

4 O retorno à crítica e à história: Lino Guedes e Mário de Andrade

Na segunda década do século XXI, Oswaldo de Camargo lança dois ensaios sobre os escritores Lino Guedes e Mário de Andrade. Publicados pela paulistana Ciclo Contínuo Editorial, *Lino Guedes – seu tempo e seu perfil* (2016) e *Negro drama – ao redor da cor*

duvidosa de Mário de Andrade (2018), o guardador de lembranças retorna à primeira metade do século XX para retomar a sua veia crítica e de historiador.

Lino Guedes – seu tempo e seu perfil integra a Coleção Con_textura Negra, dirigida pelo editor Marciano Ventura, e traz um perfil bastante generoso, elucidativo e crítico da obra do paulista Lino Pinto Guedes. Nascido em Socorro (SP) no dia 24 de junho de 1897, Guedes foi escritor de ensaios, teatro e principalmente poesia, publicando, até a sua morte em 4 de março de 1951, treze livros autorais; um feito notável para uma autoria negra dessa época. Foi, também, jornalista dos mais atuantes da imprensa negra durante as décadas de 1920 e 1930.

Nessa pequena obra, Oswaldo de Camargo traça o perfil biográfico de Lino Guedes, sua relação com a imprensa negra e o associativismo negro do início do século XX, analisa poemas e ensaios, recorre à fortuna crítica da época sobre esse autor e ainda realiza uma digressão ao abordar o precursor da imprensa negra, o multifacetado Francisco de Paula Brito, e Arlindo Veiga dos Santos, da Frente Negra Brasileira (1931-1937). Com essas menções, Camargo ajuda a estimular a curiosidade de leitores e pesquisadores em torno desses nomes.

Sobre a relevância de Lino Guedes para a literatura brasileira, Oswaldo de Camargo faz a seguinte abordagem:

Lino Guedes, se o lembramos hoje, é porque foi tão somente Lino Guedes. E, para ser Lino Guedes, escolheu, no jogo do interesse literário, com quem queria e com quem devia ficar. Em vez de com jovens “extravagantes”, como Mário e Oswald, a ponderação de remanescentes da “boa escrita”, como Coelho Neto, João Ribeiro, Silveira Bueno, que o apreciaram em cartas e prefácios.

E reexpomos: Lino Guedes e a imprensa feita por negros, ativíssima no seu tempo, foram representativos do meio social em que surgiram e atuaram. O Movimento de 22 veio para quebrar, demolir, zombar dos figurões, refazer a mentalidade gasta; os movimentos negros, seus líderes, seus poetas, sua imprensa – sabe-se – não tinham nada para quebrar, mas tudo ainda por fazer. O negro passou ao lado do que não lhe interessava; passou ao lado do Movimento de 1922. Não era aquele o caminho de subida, a subida da coletividade negra, ao menos a de São Paulo (Camargo, 2016, p. 32-33).

Detentor de uma poesia simples, direcionada e lida para um público negro iletrado, em sua maioria, que frequentava as associações negras, Lino Guedes passou longe das vanguardas modernistas, em que o negro objeto inspirou o negrismo, porém, Guedes marca a sua relevância “pela sua atitude pró elevação do elemento negro brasileiro” em sua poesia, sendo, por fim, um registro histórico ao trazer em seus livros, “um momento crucial da coletividade negra pós-abolição” (Camargo, 2016, p. 51-52).

Já o ensaio *Negro drama: Ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade*, publicado em 2018, contém prefácio da Dr^a Maria Nazareth Soares Fonseca e, como anexos, o ensaio “A superstição da cor preta”, escrito em 1938, e uma seleta de poemas do modernista abrangendo a questão racial. O ensaio inspira-se no artigo “A superstição da cor preta”, divulgado na revista *Publicações Médicas*, nº C – Ano IX, junho-julho de 1938. Nesse artigo, Mário de Andrade propõe-se a analisar os usos do termo “negro” para se referir a pessoas negras ou mestiças, além do seu uso “infeliz”, discriminador e preconceituoso. Daí, Oswaldo de Camargo apresenta uma investigação transdisciplinar para mostrar os conflitos do modernista Mário de Andrade com o seu pertencimento racial; investe em 26 breves capítulos para abordar o contexto histórico no qual o modernista estava inserido, escora-se em diferentes fontes da história, da antropologia, da sociologia e da crítica literária para investigar os impasses de Andrade diante de ser negro ou não.

Com um discurso envolvente, muito bem fundamentado e rico em exemplos, Camargo trata a maneira como a sociedade brasileira lidava com intelectuais e literatos negros e/ou mestiços no século XIX e no pós-abolição, principalmente no período em que Mário de Andrade viveu. Nessa perspectiva, o autor expõe as formas conflituosas como Machado de Assis, Francisco Otaviano, Basílio da Gama e Gonçalves Dias eram recepcionados em uma sociedade que valorizava a brancura, marcada pela escravidão. Como exemplo, Paula Brito teve sua origem racial “desviada” por H. Garnier em 1905, que o descreve como “homem de cor tisonada como um califa dos contos árabes”, prontamente respondido por Camargo como um “sutil disfarce para não o apresentar como mulato ou preto, o que não casava com sua visível ascensão social no Rio de Janeiro em que se tornou – pode-se afirmar – o primeiro empresário negro do País” (Camargo, 2018, p. 33). Camargo reitera, com ironia, a “cor tisonada” de Paula Brito e

remete a Mário de Andrade, “no olhar-se a si mesmo racialmente, marca-se como de ‘cor duvidosa’” (Camargo, 2018, p. 33).

Ele ainda investiga as formas populares ou pejorativas como os negros eram chamados no tempo de Mário de Andrade. Valendo-se desse momento, alia, em torno do vocábulo “getulino”, Luiz Gama, Lino Guedes e a imprensa negra para buscar a origem do termo. “Getulino”, assim como “Afro”, era um pseudônimo de Luiz Gama, o qual Camargo compreende como o primeiro poeta a evidenciar a identidade negra na literatura brasileira. Daí, Camargo discorre sobre os seus pseudônimos e demonstra como o vocábulo getulino passou despercebido pela crítica, mas não passaria por um intelectual negro:

De Afro se deduz facilmente: Africano, mas Getulino passou despercebido em todas as biografias de Gama [...]. Aclara esse pseudônimo a hipótese de Gama, autodidata ferrenho, que chegara a conhecimentos amplos de Mitologia, de arte poética e de domínio da técnica do verso, ter descoberto Getúlia (daí a derivação “getulino”) com suas leituras sobre mitos e histórias de deuses e heróis da antiguidade. Getúlia situava-se na África, e é referida na Eneida de Virgílio. Relevar notar que Eneida, poema dos mais amados e influentes da cultura ocidental, foi leitura quase que obrigatória dos poetas de língua portuguesa dos séculos XVII, XVIII e XIX. Deve-se, então, reter: Getúlia, espaço africano na mitologia grega; no segundo século depois de Cristo, nome de uma região onde vivem os gétulos (gente de tez tsnada), que oporá firme resistência ao domínio romano (Camargo, 2018, p. 26).

Já na imprensa negra da década de 1920, *Getulino* foi o título de um periódico da imprensa negra, tendo como editor, Lino Guedes, que, conforme Camargo sinaliza, foi utilizado como sinônimo de pessoas pretas no poema “Dedicatória”, de Guedes, no livro *Negro preto cor da noite* (1936): “O que aqui está escrito/ não conseguirá saber/ porque ninguém sabe ler./ Isso muito desconsola,/ oh, getulina pachola,/ que transforma o velho Piques/ na estranha zona dos chics”. A partir desse exemplo, segundo Camargo, getulino, no contexto do pós-abolição seria “coletivo de gente de cor, negrada, quando não gentalha preta...” ou “homem de cor, ‘patrício’” (Camargo, 2018, p. 41).

Ele ainda resgata outra referência a getulino no prefácio de Judas Isgorogota para *O Canto do Cisne Preto*, livro de poesia de Lino Guedes publicado em 1927: “O Canto

do Cisne Preto é um ensaio de literatura negra; daí, este é o primeiro livro intrinsecamente getulino que se faz no Brasil. Virtude esta bastante, convenhamos, para canonizar o autor no rol dos iniciadores” (Guedes, 1927, p. 3 *apud* Camargo, 2018, p. 41). Ressaltamos que esses livros de Lino Guedes são raros; Camargo é um dos poucos a ter essas obras.

Ele encerra essa abordagem expondo as relações de Mário de Andrade com os intelectuais e ativistas da imprensa negra e do associativismo negro; inclui, no livro, uma foto com Fernando Góes e Francisco Lucrecio, militantes da Frente Negra Brasileira. Daí, Camargo lança a hipótese de Andrade ter sido identificado ou chamado como getulino:

Mário - verifica-se por vários poemas seus e contos – era um amoroso caminhador da Pauliceia. É viável, então, que tenha ouvido em suas andanças por ruas, esquinas ou becos por onde passasse, a palavra getulino, dirigida coloquialmente a ‘irmãos de raça’.
Alguma vez aplicada a ele?
Impossível saber (Camargo, 2018, p. 43).

Oswaldo de Camargo nos mostra como Mário de Andrade desviava-se de questões referentes ao seu pertencimento racial, ainda que se aproximasse de militantes negros como Francisco Lucrecio, ex-integrante da Frente Negra Brasileira:

[...] na época surgiu, depois do Movimento 22, o Movimento Pau-Brasil, o petróleo é nosso, o movimento nacionalista. E a Frente fazia parte desse movimento, junto com intelectuais brancos; entrosavam-se muito bem conosco, embora o Mário de Andrade sempre tenha se escondido. E ele constantemente era abordado. Ele chegou a me dizer: ‘Falam que eu sou negro’. Perguntei: ‘O que responde?’; ‘Eu digo: vou passando muito bem, obrigado.’ Não assumia (Barbosa, 1998, p. 21 *apud* Camargo, 2018, p. 31).

E na poesia? Como Mário de Andrade se posicionava? Oswaldo de Camargo utiliza o exemplo do poema “Eu sou trezentos...”: “Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,/ Mas um dia afinal eu toparei comigo.../ Tenhamos paciência, andorinhas curtas,/ Só o esquecimento é que condensa/ E então minha alma servirá de abrigo” (Camargo, 2018, p. 48). Sem julgamentos, o ensaísta constata que “procurar o literato negro em Mário de Andrade é debruçar-se sobre um dos trezentos e cinquenta que ele

diz ser e deparar-se com a necessidade de imaginar outros, insuspeitados...” (Camargo, 2018, p. 49).

Assim, a partir de um artigo de Mário de Andrade, publicado em 1938, em que discute as discriminações e preconceitos a negros na sociedade brasileira, Oswaldo de Camargo propõe uma investigação, ainda que breve, mas rica em referências e na metodologia transdisciplinar para relacionar a indefinição identitária do poeta modernista com aspectos da literatura, da imprensa e do associativismo negros e seus agentes do século XIX e contemporâneos a ele como uma estratégia para, sem julgamentos à postura de Andrade, inseri-lo como um autor e intelectual negro, fazendo de *Negro drama: Ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade* uma abordagem original.

5 A história literária negra e do associativismo negro na ficção camarguiana

Desde o livro *O Carro do Êxito*, de 1972, que Oswaldo de Camargo utiliza a autoficção, ou alterficção, como integrante de seu projeto ficcional. Nessa perspectiva, o autor vem trabalhando nos seus contos, novelas e noveletas aspectos inerentes à história literária negra brasileira e, por conseguinte, à presença da população negra na história brasileira, tanto por personalidades como por eventos com protagonismo negro.

Os mais interessantes momentos da prosa ficcional, para os objetivos deste artigo, encontram-se nos textos em que Camargo se inspira em sua experiência pessoal e bagagem cultural para recriar passagens do associativismo negro, principalmente na Associação Cultural do Negro (ACN), quando ele surgiu para a literatura.

Na noveleta *Negro disfarce*, publicada pela Ciclo Contínuo em 2020, Camargo cria a sua narrativa a partir do manifesto “O Ano 70 da Abolição” divulgado pela ACN em 1958. Com o apoio de diferentes instituições negras, o manifesto procurar agregar o maior número possível de instituições, políticos e intelectuais para as comemorações do septuagésimo aniversário de abolição da escravatura. O livro trata do entusiasmo do narrador Benedito com a intensa movimentação de negros e negras, políticos e intelectuais na ACN e no salão literário do Dr. Brasília. Ao nomear um narrador, isso já seria um disfarce do autor, pois, com essa estratégia narrativa Camargo rompe com a

relação fechada autor-narrador-personagem, formulada por Serge Doubrovsky (1977) para a autoficção, e assim configurando-se em um outro.

Nesse salão literário, temos perspectivas diferentes sobre o momento da ACN e suas conquistas em prol da coletividade negra, representadas nos personagens Benedito, Deodato e Dr. Brasília. Este, um velho militante negro muito bem-sucedido, de elevada cultura e empolgado com o momento da ACN; já Deodato é um jovem também muito bem-sucedido, de refinada educação, mas de origem pobre e pessimista com os rumos do movimento negro. As discussões tensas entre essas três personagens dão a tônica dessa noveleta, demonstrando um painel de contradições e disputas entre os indivíduos da militância negra.

Camargo explora a recriação até mesmo de si, multiplicando-se em alteridades: como Benedito, narrador-personagem; assemelha-se a Deodato, pela erudição, pelo apreço à música erudita e também por ser escritor; há, ainda, o pianista Alcebíades Camargo, função exercida por Oswaldo de Camargo na ACN; e Leonardo Bravo é um dos poetas da ACN, que Deodato cita versos de “Grito de Angústia”, na noveleta atribuída àquele poeta, mas, na verdade, é um poema de Oswaldo de Camargo. O autor, na sua reinvenção de si em outros, faz com que Leonardo Bravo seja admirado por Benedito, porém seja tratado com indiferença por Deodato. Trata-se de uma ousadia e de liberdade narrativa que enquadrados não como uma autoficção, mas sim como uma alterficção (Nascimento, 2017); uma alterficção negra que esgarça as fronteiras do eu real e dos eus imaginados inseridos em um momento histórico único da Associação Cultural do Negro.

Em *Negro disfarce*, a ficcionalização de si é uma constante diante de fatos verificáveis e de diferentes menções à história do movimento negro e da literatura negra. Com habilidade, o narrador camarguiano utiliza a fragmentação e as lacunas da memória para lembrar o passado e demonstrar a curiosidade que possibilitou a coleta de dados, a formação de arquivo e a memória privilegiada desse passado na Associação Cultural do Negro para enumerar poetas, associações e periódicos da imprensa negra:

Essa, a minha aventura; ouvir: meu destino.
Procurei, na época, no Ano 70, ouvir a muitos. [...]
Quantas vezes, ansioso de saber, saí, domingos frios de São Paulo, rumo
à casa de antigos lutadores, vários da Frente Negra.

Remendar, com desconhecidos dados, a história cultural do negro em São Paulo, foi meu intento. [...] importunei quem tivesse jornais antigos, revistas, e, preso a malcontidas emoções, percorri as colunas de *Palmares*, *Zumbi da Casa Verde*, *O Novo Horizonte*... Deparei-me, então, com poemas iniciais de Lino Guedes, ali poeta tateante; Leonardo Bravo, principiando; Cumba Júnior, de cueiros na Literatura.

*

Saí dessas “imaginações” (Camargo, 2020, p. 40-41, grifo próprio).

Já no livro de contos *O Carro do Êxito*, sua estreia na ficção, em 1972, Oswald de Camargo não foi tão transgressor quanto em *Negro disfarce*. Na edição mais recente, de 2023, os contos recriam passagens vivenciadas por ele nas décadas de 1930 a 1970, conforme nota do autor assumindo a autoficção como estratégia narrativa: “momentos e circunstâncias do percurso da vida do autor inseridos na ficção” (Camargo, 2023, p. 17).

O conto “Niger” é um exemplo da autoficção camarguiana e como a ficcionalização de si nos traz elementos do cotidiano do movimento negro na década de 1960. *Niger – Órgão informativo da coletividade negra paulistana* teve apenas quatro edições em 1960, mas sua curta existência registrou fatos marcantes, como a visita da escritora Carolina Maria de Jesus à sede da ACN quando do lançamento de seu livro *Quarto de Despejo* e, em outra edição, celebrava a posse de Patrick Lumumba, primeiro-ministro do Congo, país recém-libertado da colonização belga.

O conto se inicia com o narrador onisciente se apresentando: “Sou um dos rapazes que escrevem para o *Niger*, órgão informativo da coletividade negra paulistana” (Camargo, 2023, 48); titular da coluna “Sociedade de Ébano”, responsável por registrar as festividades como casamentos, aniversários e premiações da comunidade negra, fazendo-o frequentar os clubes negros paulistanos, trajado com um “príncipe de gales” para representar o *Niger*, e dentro do respeito que o elemento negro deveria passar para a sociedade, conforme apregoado pela ACN, e sendo conhecido como o “Ibrahim Sued¹ crioulo” (Camargo, 2023, p. 51). O narrador revela o seu cotidiano para criar a coluna até ter uma surpresa quando vai entregar o seu material ao redator-chefe, aqui chamado de Firmino Alves:

¹ Famoso colunista social do Rio de Janeiro, durante anos assinou uma coluna no jornal carioca *O Globo*.

– Põe no lixo!

Não entendi o que ele falou, cheguei mais perto, segurando o meu trabalho, mas ele, mais uma vez, antes que eu abrisse a boca:

– Põe no lixo!

Então entendi que nem “Sociedade de Ébano” nem o resto do *Niger* iam sair mais. Quase chorei de desespero, pois tanto caprichei e agora vem em cima de nós essa desgraça.

Hoje estou sem rumo, derruído. Se eu pudesse, eu sumia de São Paulo, essa paisagem podre! [...].

Dei azar com o *Niger*, dei azar! (Camargo, 2023, p. 51).

Essas decepções com a efemeridade dos periódicos da imprensa negra era algo bem comum; em razão da precariedade econômica, a regularidade dos periódicos não era cumprida, os patrocinadores rareavam e ainda havia a falta de engajamento de muitas das pessoas envolvidas. Esses eram alguns dos motivos para a brevidade desses periódicos. O conto de Camargo retrata a desilusão de seus participantes. Seria a dele?

O conto “Família” traz outro ponto de vista desses periódicos. Nele, dois velhos militantes estão discutindo a possibilidade de fusão de *Niger* e do jornal *Novo Horizonte*, este já com quase dez anos de existência, ainda que de periodicidade irregular; trata também das disputas entre os grupos negros que comandam esses periódicos. O conto mostra que as dificuldades para manter a publicação não eram uma exclusividade desses dois periódicos: “O *Ébano* apodreceu, o *Redenção* há três meses que não sai” (Camargo, 2023, p. 92). Para a felicidade de todos, surge um apoiador para concretizar a fusão *Novo Horizonte-Niger*, assim retratada pelo narrador nas tradicionais reuniões dominicais:

[...] sento-me e escuto o que discutem. E suas palavras me extasiam. Acompanho a mão do Ovídio, traçando no ar os planos do renovado jornal, com salvadora parceria. Acompanho sua mão grossa, os dedos curtos, apontando no mapa da cidade extenso na parede os bairros de maior concentração de povo negro (Camargo, 2023, p. 93).

Porém, como as realizações para essa coletividade negra são repletas de obstáculos, segue o desfecho dessa parceria:

Agora estou sentado em frente do Ovídio. Cheiro o seu suor e apalpo, com pena, o motivo do seu silêncio. Jacirinha foi ao Serenades Club com o noivo. Ninguém apareceu [...]. Olho os dedos do Ovídio, breves,

grosseiros. Ovídio ronca. Por um momento abre os olhos e sorri, mostrando compreensão, como a dizer que as coisas são assim mesmo (Camargo, 2023, p. 94).

O desencanto se apodera da cena, as pessoas desaparecem, o que materializa o silêncio; a rotina deve continuar. A postura passiva de Ovídio, descrita pelo narrador, registra, de forma seca, a fragilidade dos projetos dessa coletividade. Nesse ponto, a autoficção camarguiana retrata o que foi a triste realidade da imprensa negra durante a Segunda República, como constatam Silva (2023) e Domingues (2020), apesar de ter existido uma quantidade considerável de periódicos, conforme pesquisa de Oliveira (2021).

Esta breve amostra procurou demonstrar como Oswaldo de Camargo apresenta a história da presença negra em São Paulo na sua ficção, por meio da autoficção e da alterficção, valendo-se de seu testemunho para recriar passagens marcantes de uma parte da coletividade negra paulistana. Trata-se de um projeto literário vigoroso e de extrema criatividade e originalidade no panorama das autorias negras e essencial para a literatura brasileira.

6 Considerações finais

Procuramos trazer nesses breves apontamentos a atuação de Oswaldo de Camargo como “guardador de lembranças”, alcunha registrada pelo autor na noveleta *Negro disfarce*, pois compreendemos que essa imagem está inserida no seu projeto estético, ético e político, favorecendo as diferentes alteridades de produtor de textos, tais como o literato, o crítico literário, o biógrafo, o historiador e o jornalista, ou seja, um intelectual negro de múltiplas abordagens em prol de sua memória individual e da memória coletiva negra, praticamente esquecida pelas narrativas da história oficial.

Daí a importância de seu testemunho registrado em diferentes gêneros textuais, como exploramos neste artigo: o ensaísta de *O Negro escrito* que alinha o crítico literário rigoroso com o historiador da presença do negro na literatura brasileira, mas com ênfase nas autorias negras; o organizador de antologia com uma visão diacrônica para a poesia das autorias negras em *A Razão da Chama*; a sua colaboração, já como o “elo de

gerações” para a imprensa negra ao realizar um brevíssimo levantamento em “Pequeno mapa da poesia negra” na seção Afro-Latino América do jornal *Versus*; o biógrafo capaz de atrelar aos biografados Lino Guedes e Mário de Andrade personalidades negras do século XIX e do pós-abolição, assim como o associativismo negro e a imprensa negra em fontes de pesquisa amplas e, muitas vezes, raras.

Nesse sentido, destaca-se a sua abordagem transdisciplinar para a identidade racial de Mário de Andrade, aprofundando questões sobre a “cor duvidosa” desse ícone da literatura brasileira. Por fim, a originalidade do projeto (auto/alter)ficcional de Oswaldo de Camargo para mesclar, a partir de suas vivências, a história literária negra, o associativismo negro e a imprensa negra, com estratégias narrativas que surpreendem o público leitor quando se depara com a reinvenção de si em outros, como em *Negro disfarce*, e nas diferentes passagens que registram as dificuldades para manutenção dos periódicos negros na década de 1960 nos contos de *O Carro do Êxito*.

A singularidade de sua história de vida, quando lhe apresentava enormes desafios na infância e adolescência, proporcionou oportunidades, as quais Oswaldo de Camargo soube aproveitar, construindo uma trajetória em meio a velhos intelectuais negros e intelectuais não negros, como Florestan Fernandes e Sérgio Milliet, fazendo da Associação Cultural do Negro o complemento de sua formação educacional em seminários católicos. A ACN sinalizou caminhos, incentivando a sua produção literária, inserindo-o nos periódicos da imprensa negra e, principalmente, mostrando ao jovem Oswaldo de Camargo, em meio à efervescência do “Ano 70 da Abolição”, as fragilidades do movimento social negro, assim como as barreiras criadas pelo racismo para aquela coletividade. Inferimos que essa vivência e esse contexto foram fundamentais para que Camargo criasse a sensibilidade, desde jovem, para catalogar documentos e adquirir obras a respeito da coletividade negra, e também de ter a curiosidade, a humildade para aprender com e ouvir os mais velhos, os militantes remanescentes da Frente Negra Brasileira e da imprensa negra.

Com isso, ele foi desenvolvendo um acervo particular que passou a integrar os seus projetos literários e ensaísticos, cultivando a sua memória e a memória da coletividade negra, materializando um compromisso estético, ético e político contra o silêncio, o esquecimento e o apagamento do elemento negro na história brasileira. A obra

de Oswald de Camargo vence, com persistência e resistência, a precariedade e a carência que insistem em acompanhar a nossa coletividade negra.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO. O Ano 70 da Abolição. In: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO. *Cadernos de Cultura da ACN*. São Paulo: Associação Cultural do Negro, 1958. (Série Cultura Negra 1). p. 3-8.

CAMARGO, Oswald de. *O carro do êxito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAMARGO, Oswald de. *Negro disfarce*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2020.

CAMARGO, Oswald de. *Negro drama: ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.

CAMARGO, Oswald de. *Lino Guedes: seu tempo e seu perfil*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2016.

CAMARGO, Oswald de. Depoimentos: Oswald de Camargo. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. História, teoria, polêmica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 4. p. 28-43.

CAMARGO, Oswald de (org.). *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira*. São Paulo: IMESP, 1987.

CAMARGO, Oswald de (org.). *A razão da chama: antologia de poetas negros brasileiros*. São Paulo: GRD, 1986.

CAMARGO, Oswald de. Pequeno mapa da poesia negra: seção Afro-Latino-América. *Versus*, n. 12, p. 14-16, jul./ago. 1977.

CUTI. *...E disse o velho militante José Correia Leite*. 19. ed. São Paulo: Noovha América, 2007.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. “Em defesa da humanidade”: a Associação Cultural do Negro na arena do “Black Internationalism”. In: BUTLER, Kim D.; DOMINGUES, Petrônio. *Díasporas imaginadas: Atlântico negro e histórias afro-brasileiras*. São Paulo: Perspectiva, 2020. p. 217-242.

FILIPPO, Thiara Vasconcelos de. *Imagens poéticas: o negro, a África e a noite na literatura de Oswald de Camargo*. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

MILLIET, Sérgio. Alguns aspectos da poesia negra. In: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO. *Cadernos de Cultura da ACN*. São Paulo: Associação Cultural do Negro, 1958. (Série Cultura Negra 1). p. 11-25.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Evando. Autoficção como dispositivo: autoficções. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 42, p. 611-634, set./dez. 2017.

OLIVEIRA, Felipe Alves de. *Nosso imperativo histórico é a luta: intelectuais negros/as insurgentes e a questão da democracia racial em São Paulo (1945/1964)*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2020)*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Sesc São Paulo, 2023.

ⁱ Artigo recebido em 15/09/2023

Artigo aprovado em 10/10/2024

Fonte de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)